UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

# PARA ALÉM DA SALA DE AULA: EDUCADORAS E A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DA AMPEP (1974-1985)

GLÓRIA ESTEFANIE SANTOS

JOÃO PESSOA - PB
2026

GLÓRIA ESTEFANIE SANTOS

# PARA ALÉM DA SALA DE AULA: EDUCADORAS E A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DA AMPEP (1974-1985)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado

JOÃO PESSOA - PB

2026

**Catalogação na publicação**
**Seção de Catalogação e Classificação**

S237p Santos, Glória Estefanie.
Para além da sala de aula: educadoras e a organização política na AMPEP (1974-1985) / Glória Estefanie Santos. - João Pessoa, 2026.
45 f. : il.

Orientação: Charliton José dos Santos Machado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. AMPEP. 2. Educadoras. 3. História da Educação. 4. Movimento Docente Paraibano. I. Machado, Charliton José dos Santos. II. Título.

UFPB/CE CDU 37-051(043.2)

Elaborado por SUELEÉM VIEIRA MOURA BRITO - CRB-15/397

GLÓRIA ESTEFANIE SANTOS

# PARA ALÉM DA SALA DE AULA: EDUCADORAS E A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NA AMPEP (1974-1985).

APROVADO EM: 17/08/2026

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente
gov.br
CHARLITON JOSE DOS SANTOS MACHADO
Data: 21/08/2026 14:59:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado - UFPB

(Orientador)

Prof. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira - UFPB

(Professora Examinadora)

Prof. Dra. Shirley Targino Silva - UFPB

(Professora Examinadora)

JOÃO PESSOA - PB

2026

*Em memória de Jannyelly de Oliveira Santos, mulher extraordinária que a vida me concedeu o privilégio de chamar de irmã.*

## AGRADECIMENTOS

Sou um mosaico, criado com fragmentos de todos aqueles cuja presença me molda, me guia e me perpassa no decorrer desse intervalo entre o viver e o morrer, ao qual chamo, sutilmente, de vida. E, assim como eu, este trabalho é o resultado de muitas mãos que me sustentaram nessa trajetória.

À minha mãe, Maria de Jesus Santos, cuja força e história de vida me fazem perceber que sempre haverá um novo amanhecer quando a noite anterior nos faz sofrer e que nenhuma batalha derruba quem tem vontade de vencer.

À minha irmã, Jannyelly de Oliveira Santos *(in memoriam)*, que me amou e me protegeu até os últimos momentos de sua vida e que sempre viverá em meu pensamento e em meu coração.

Ao meu querido professor, Charliton José dos Santos Machado, que, além de orientador, tornou-se um amigo, uma referência paterna, a quem terei uma dívida de gratidão eterna. Por meio de uma oportunidade que me concedeu, me tornei bolsista PIBIC, onde me apaixonei pela pesquisa e conheci o objeto de estudo deste trabalho. Obrigada, professor, por acreditar em mim quando nem eu mesma tive forças para isso. Nenhuma palavra será suficiente para expressar o quanto sou grata.

Ao professor Edson Carvalho Guedes, que, com sua sensibilidade, me incentivou a continuar quando pensei em desistir da academia, praticando a alteridade e me lembrando de que sempre seremos capazes de seguir em frente.

A todos do Grupo de Pesquisa Educação & Educadoras da Paraíba do Século XX, onde encontrei apoio e acolhimento. Não houve uma reunião sequer da qual eu não tenha saído positivamente constrangida diante de tanto conhecimento compartilhado.

Aos meus ex-colegas de trabalho Dayana Maria Araújo Neves, Aylla Silva Sousa Lopes, Jackson Silva Soares, Eliene Azevedo da Costa, Simone Barbosa e Antônio José Dantas, que me ajudaram constantemente, tornando meus dias mais leves e felizes durante todos esses anos. Muitas vezes, fizeram mais do que deveriam, sobrecarregando o próprio trabalho para que eu pudesse cumprir meus prazos e conciliar a rotina com os estudos. Vocês acompanharam de perto uma parte importante da minha caminhada, e eu sei, sem dúvida, que essa trajetória não teria sido a mesma sem vocês.

À Francisco de Assis Silva, que guardou suas dores por inúmeras vezes para me ajudar a lidar com as minhas e que, de forma inesperada, fez parte desta caminhada, contribuindo para que este momento se tornasse possível. Seu apoio foi muito especial; você faz parte da minha família.

À Débora Katarine Mendes (Medeiros) de Oliveira, cuja amizade ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço. “This is not the end, this is not the beginning, just a voice like a riot rocking every revision.” Eu amo você, minha amiga.

À Bianca Gretha dos Santos, amiga que a universidade me deu de presente e que levarei para a vida. Nunca vou esquecer tudo o que passamos juntas ao longo desses anos, convivendo quase todos os dias. Você foi meu alicerce quando o chão parecia sumir e foi a primeira pessoa com quem compartilhei tantas conquistas. Eu amo você, minha amiga.

À Rafaela da Silva Gomes, pessoa que surgiu em meu caminho e me mostrou que ainda podemos amar, mesmo carregando tantas dores. As linguagens do amor são múltiplas, e você é uma grande prova disso. Eu amo você, minha amiga.

À Lúcia de Fátima Marinho de Medeiros, que se tornou uma importante companheira nessa jornada universitária, sempre disposta a ouvir e acolher. Eu amo você, minha amiga.

A Bleno Raony Pereira Moraes, companheiro com quem compartilho a vida há 12 anos e que, apesar das inúmeras diferenças, dos tantos percalços e problemas, continua aqui. Eu amo você.

Aos meus filhos, Ana Cecília Santos Moraes e Antônio César Santos Moraes, que me mostraram uma forma de amar que, em uma vida inteira sem vocês, eu jamais conheceria. Vocês são a fonte da minha força e da minha fraqueza, em um paradoxo genuinamente bonito. Se há algo que posso afirmar, é que eu amo muito vocês.

E, para que não haja injustiças, agradeço a mim. Isso mesmo: a mim. A solitude de alguns momentos deste percurso me fez perceber que o poder da resiliência não está simplesmente na superação dos problemas, mas na forma como nos guiamos durante o processo. Ser resiliente é bonito, mas custa caro. Ainda assim, é um preço que sempre estarei disposta a pagar.

*“É preciso esquecer o que se sabe a fim de ver o que não se via”*

Rubem Alves.

**RESUMO**

Esta pesquisa analisa a participação das educadoras da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP), entre 1974 e 1985, buscando compreender suas formas de atuação e protagonismo na organização do movimento docente durante a ditadura militar e o processo de redemocratização. Fundamentada na Nova História Cultural, a partir das contribuições de Chartier (1988) e Pesavento (2003), e nos Estudos de Gênero, com base nas discussões de Scott (1995), Perrot (2005) e Louro (2014), a pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, utilizando os Livros de Posse da AMPEP, jornais, fotografias, entrevistas e documentos memorialísticos como fontes. Os resultados evidenciam que, embora as mulheres constituíssem a maioria da categoria docente e desempenhassem papel fundamental nas mobilizações e na defesa da educação pública, sua presença nos cargos de maior poder permaneceu limitada pelas relações de gênero. As narrativas e os documentos analisados revelam o protagonismo dessas educadoras na consolidação da AMPEP e na luta por valorização profissional, direitos docentes e democratização da sociedade. Conclui-se que a história da AMPEP não pode ser compreendida sem o reconhecimento da contribuição dessas mulheres para o fortalecimento do movimento docente paraibano.

**Palavras-chave:** AMPEP; Educadoras; Gênero; História da Educação; Movimento Docente Paraibano.

**ABSTRACT**

This research analyzes the participation of female educators from the Association of Public School Teachers of the State of Paraíba (AMPEP) between 1974 and 1985, seeking to understand their forms of action and leadership in the organization of the teaching movement during the military dictatorship and the democratization process. Grounded in the New Cultural History, based on the contributions of Chartier (1988) and Pesavento (2003), and in Gender Studies, drawing on discussions by Scott (1995), Perrot (2005), and Louro (2014), the study adopts a qualitative approach, combining documentary and bibliographic research, using AMPEP's Inauguration Books, newspapers, photographs, interviews, and memorial documents as sources. The results demonstrate that, although women constituted the majority of the teaching category and played a fundamental role in mobilizations and the defense of public education, their presence in positions of greater power remained limited by gender relations. The analyzed narratives and documents reveal the leadership of these female educators in the consolidation of AMPEP and in the struggle for professional recognition, teachers' rights, and the democratization of society. It concludes that the history of AMPEP cannot be understood without recognizing the contribution of these women to the strengthening of the Paraíba teaching movement.

**Keywords:** AMPEP; Female educators; Gender; History of education; Paraíba teaching movement.

**SUMÁRIO**

**1. APRESENTAÇÃO: VOZES DA RESISTÊNCIA - A TRAJETÓRIA DAS EDUCADORAS NA AMPEP (1974-1985)..... 11**
1.1 Situando o problema da pesquisa..... 11
1.2 Por que olhar para essas mulheres?..... 13
1.3 Objetivos da pesquisa..... 15

**2. CAPÍTULO 2: ENTRE MEMÓRIAS E FONTES - PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA..... 16**
2.1 A Nova História Cultural como lente de análise: desvendando as vozes femininas 16
2.2 O Gênero como categoria de análise: tecendo as relações de poder no magistério. 18
2.3 Caminhos metodológicos: as fontes e as memórias..... 19

**3. CAPÍTULO 3: VOZES DA RESISTÊNCIA - EDUCADORAS E A ORGANIZAÇÃO DA AMPEP..... 22**
3.1 A AMPEP em tempos de ditadura: a experiência das educadoras na organização docente..... 22
3.2 Retratos do protagonismo: perfis e trajetórias das educadoras..... 26
3.3 A presença feminina nos espaços de direção da AMPEP: uma leitura dos Livros de Posse..... 29
3.4 A imagem como testemunho: representações visuais das educadoras..... 32
3.5 As educadoras e o protagonismo político na AMPEP: contrapontos entre história oral e os documentos oficiais..... 35

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 42**

**REFERÊNCIAS..... 44**

# 1. APRESENTAÇÃO: VOZES DA RESISTÊNCIA - A TRAJETÓRIA DAS EDUCADORAS NA AMPEP (1974-1985)

## 1.1 Situando o problema da pesquisa

A história da educação brasileira, em suas múltiplas facetas, revela a intrínseca relação entre os processos formativos e as dinâmicas sociais, políticas e culturais de cada época. Nesse cenário, a participação feminina no magistério surge como um campo fértil para a investigação, especialmente quando se observa a predominância de mulheres na base da pirâmide educacional. Dados recentes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira apontam que, em 2025, cerca de 78,8% dos profissionais do magistério na educação básica brasileira são mulheres (INEP, 2025). Essa realidade, longe de ser um fenômeno contemporâneo, possui raízes históricas profundas que remontam à feminização do magistério e à construção social dos papéis de gênero. Conforme Louro (2014, p. 100), o magistério foi progressivamente associado ao universo feminino, tornando-se um “trabalho de mulher” na medida em que se vinculou a atributos considerados naturalmente femininos, como o cuidado, a sensibilidade e o amor, que são qualidades entendidas como extensão da maternidade. Essa feminização, que se intensificou a partir do final do século XIX, consolidou a imagem naturalizada da mulher como uma educadora, mas, em contrapartida, relegou a posições de menor prestígio e poder dentro da estrutura educacional e sindical.

No contexto paraibano, essa presença feminina massiva no magistério não se reproduziu, historicamente, em igual representatividade nos espaços de poder e decisão, especialmente em organizações sindicais e associativas. O período compreendido entre 1964 e 1985, marcado pela ditadura militar no Brasil, impôs um regime de exceção que cerceou as liberdades democráticas e reprimiu os movimentos sindicais, incluindo os sindicatos e as associações de classe, numa conjuntura de conflitos e radicalidade autoritária. A educação, nesse período, foi afetada por reformas que visavam o controle ideológico e a adequação do ensino aos interesses do regime, como por exemplo a Lei nº 5.692/71, que implementou a

profissionalização compulsória no ensino de 2º grau, alinhando-se a uma proposta tecnicista.

Nesse cenário adverso, a organização dos trabalhadores, e em particular das educadoras, assumiu um caráter de resistência e de defesa de direitos fundamentais, tanto profissionais quanto civis. O movimento docente na Paraíba, assim como em outras partes do Brasil, enfrentou a repressão e buscou formas para resistir às políticas educacionais impostas e lutar por melhores condições de trabalho e valorização profissional. Greves e mobilizações, especialmente a greve de 1979 e os movimentos reivindicatórios de 1980 e 1982, constituíram importantes manifestações de resistência , desafiando o regime e buscando conquistas para a categoria.

É nesse contexto de efervescência política e educacional que surge a Associação do Magistério Público da Paraíba (AMPEP). Fundada em 10 de março de 1974, a AMPEP desempenhou um papel importante na articulação das demandas docentes e na resistência ao regime autoritário (Silva, 1986). Sua criação representou um gesto de união dos professores em prol do fortalecimento da área educacional e da defesa dos seus direitos, em um momento em que a sociedade civil paraibana, incluindo outros movimentos sociais, também atuavam na redemocratização.

A presente pesquisa volta seu olhar para a atuação das educadoras na AMPEP entre os anos de 1974 e 1985. Esse período é significativo, pois abrange os últimos anos da ditadura militar no Brasil e o efervescente processo de lutas pela redemocratização, um tempo marcado por intensas transformações políticas e sociais (Saviani, 2013). Contudo, a historiografia tradicional, muitas vezes, silenciou ou inviabilizou a contribuição específica das mulheres nesse movimento. Embora fossem a maioria da categoria, a presença feminina em cargos diretivos e instâncias de decisão na AMPEP era limitada, e suas ações não foram devidamente registradas ou valorizadas nos registros históricos. Essa invisibilidade, no entanto, não significa ausência de atuação. Como argumenta Perrot (2005, p. 25), "As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer sua história, é, antes de tudo, inevitavelmente chocar-se contra esse bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar". Isso nos convida a desconfiar das fontes tradicionais e a buscar, nas entrelinhas dos documentos e nas memórias dos sujeitos, os vestígios de uma participação que, embora silenciada, foi constitutiva dos processos históricos. Nessa mesma direção, Scott (1995) propõe o gênero como uma categoria útil de análise histórica, permitindo compreender as relações de poder que

permeiam a sociedade e, consequentemente, a forma como as mulheres foram percebidas e atuaram nos espaços públicos e privados, incluindo o sindicalismo docente. A ausência de registros formais ou a sub-representação em documentos oficiais não invalida a participação feminina, mas exige do pesquisador um olhar atento para outras fontes e metodologias que possam resgatar essas vozes que resistem.

Diante desse panorama, a pesquisa se propõe a investigar a seguinte questão norteadora: Como se deu a participação feminina na organização e consolidação da AMPEP entre 1974 e 1985, e que sentidos essa atuação assume quando analisada considerando o contexto político e educacional da época? Ao buscar respostas para essa indagação, esta pesquisa visa não apenas preencher lacunas na produção acadêmica sobre gênero, história da educação e sindicalismo docente na Paraíba, mas também fortalecer a memória e o protagonismo das educadoras paraibanas na luta por uma educação pública de qualidade e por uma sociedade mais justa e democrática.

### 1.2 Por que olhar para essas mulheres?

A escolha por investigar a participação das educadoras na AMPEP entre 1974 e 1985 não é fortuita, mas sim resultado de um percurso de pesquisa e de uma profunda convicção sobre a relevância do tema. O interesse pessoal foi despertado durante minha trajetória no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do qual participei por um ano e meio e onde tive contato direto com documentos, entrevistas e registros históricos relacionados à história da AMPEP.

Essa imersão inicial revelou a riqueza de um universo pouco explorado e a urgência de dar voz às experiências femininas que, por muito tempo, permaneceram à margem da narrativa oficial (Machado, 2006). A forma como as contribuições dessas mulheres foram pouco exploradas nas narrativas sobre o movimento docente despertou a atenção para a necessidade de aprofundar um tema inicialmente vivenciado no âmbito da iniciação científica e de ampliar a compreensão sobre trajetórias femininas que, embora significativas, permanecem pouco visibilizadas. Do ponto de vista social, a pesquisa se justifica pela necessidade de compreender os processos de mobilização e resistência feminina em um período autoritário da história brasileira. Investigar a atuação das educadoras na AMPEP entre 1974 e 1985 é

relevante porque permite compreender como essas mulheres participaram de processos de mobilização e resistência em um período marcado por autoritarismo, limitações políticas e desafios para a organização docente. Resgatar essas experiências contribui para reconhecer o protagonismo feminino na luta por melhores condições de trabalho, na defesa da educação pública e na ampliação da participação política dentro da categoria, fortalecendo debates contemporâneos sobre representatividade e equidade de gênero. Academicamente, este estudo busca preencher lacunas significativas na produção do conhecimento. A articulação entre gênero, história da educação e sindicalismo docente ainda carece de investigações que se debrucem, especificamente, sobre as experiências femininas dentro das associações docentes paraibanas.

Sandra Jatahy Pesavento oferece um arcabouço teórico-metodológico fundamental para essa empreitada ao propor que "A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado" (Pesavento, 2003, p. 43). Essa perspectiva nos permite ir além da descrição dos fatos e adentrar o campo dos significados, das sensibilidades e das práticas que moldaram a participação dessas educadoras. Ainda segundo Pesavento (2003, p. 15),

> A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

A perspectiva da História Cultural se mostra adequada para esta pesquisa porque possibilita deslocar o olhar para sujeitos que, durante muito tempo, ocuparam posições secundárias na produção historiográfica. Conforme destaca Pesavento (2003), a ampliação dos objetos históricos permitiu investigar práticas, experiências e representações anteriormente negligenciadas. Assim, analisar a presença das mulheres na AMPEP sob a ótica da Nova História Cultural implica compreender não apenas o que fizeram, mas os sentidos que atribuíram às suas ações e as representações que construíram sobre si mesmas e sobre o movimento docente. A necessidade de revisitar a história dos movimentos educacionais com uma perspectiva de gênero é um imperativo acadêmico, como aponta Nogueira (2023), e esta pesquisa se insere nesse esforço de renovação historiográfica. Ao articular esses

referenciais com a perspectiva da Nova História Cultural, o trabalho contribui para ampliar as discussões sobre as formas de atuação das educadoras, oferecendo novas interpretações sobre o movimento docente e sobre a história da AMPEP.

### 1.3 Objetivos da pesquisa

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a participação das educadoras na Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) entre 1974 e 1985, considerando suas formas de atuação, contribuições e os sentidos dessa participação no contexto político e educacional da época.

Para alcançar esse objetivo geral, a pesquisa se propõe a identificar a presença de mulheres nos espaços de atuação da AMPEP, especialmente em cargos diretivos e instâncias de decisão. Além disso, busca investigar as formas de participação e organização das educadoras no movimento docente paraibano durante o período analisado, compreender os desafios enfrentados por elas no contexto histórico e por fim, analisar suas contribuições para o fortalecimento da AMPEP e para a luta por direitos na educação.

# 2. CAPÍTULO 2: ENTRE MEMÓRIAS E FONTES - PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

## 2.1 A Nova História Cultural como lente de análise: desvendando as vozes femininas

Toda pesquisa histórica se fundamenta em escolhas teóricas que orientam o olhar do pesquisador sobre as fontes e sobre os sujeitos investigados. Neste trabalho, a Nova História Cultural constitui o horizonte teórico privilegiado, na medida em que oferece ferramentas conceituais capazes de iluminar as experiências, os sentidos e as representações construídas pelas educadoras que atuaram na Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) entre 1974 e 1985.

A emergência da História Cultural, conforme Pesavento (2003), está relacionada à crise dos paradigmas explicativos que marcou as ciências humanas a partir das décadas de 1970 e 1980. Os modelos interpretativos até então dominantes (o marxismo e a história econômico-social dos Annales) passaram a ser questionados por sua insuficiência diante da complexidade do real. Segundo Pesavento (2003, p. 9), “A dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e interesses”, de modo que os esquemas explicativos vigentes já não davam conta das múltiplas dimensões da experiência humana. Foi nesse contexto de renovação epistemológica que a História Cultural se consolidou como uma abordagem capaz de incorporar sujeitos, práticas e sentidos antes negligenciados pela historiografia tradicional.

A Nova História Cultural não se propõe a substituir as abordagens anteriores, mas a ampliar o campo de investigação histórica, voltando-se para as representações, as sensibilidades e as práticas culturais dos sujeitos em diferentes temporalidades. Isso significa que investigar a participação das educadoras na AMPEP, sob essa perspectiva, implica ir além da descrição de eventos e se aprofundar na possibilidade de significados que essas mulheres atribuíram às suas práticas, às suas lutas e às sua presença nos espaços associativos.

Nessa mesma direção, Pesavento (2003, p. 43) afirma que “A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”. Essa afirmação é

particularmente relevante para a presente pesquisa, pois evidencia que o trabalho do historiador cultural não consiste em revelar uma verdade oculta nos documentos, mas em interpretar as camadas de sentido que os sujeitos históricos produziram sobre si mesmos e sobre o mundo em que viviam. No caso das educadoras da AMPEP, trata-se de compreender como elas representavam enquanto profissionais, militantes e mulheres em um contexto de autoritarismo político e de desigualdades de gênero.

Roger Chartier (1988) complementa essa perspectiva ao propor que a História Cultural deve se ocupar de "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (Chartier, 1988, p. 16). Para Chartier, o conceito de representação é central, pois permite articular três dimensões fundamentais: as representações coletivas que os grupos sociais constroem sobre si mesmos e sobre os outros; as práticas sociais que dão concretude a essas representações; e as formas de apropriação pelas quais os sujeitos reelaboram os discursos e os modelos que lhes são impostos. Essa tríade oferece um instrumental analítico capaz de nos fazer compreender como as educadoras paraibanas se inseriram, negociaram e eventualmente subverteram as estruturas de poder dentro da AMPEP. Ao discutir as representações, Chartier (1988) ressalta que os documentos não constituem reflexos neutros da realidade, mas são produções construídas em contextos históricos específicos. Essa compreensão contribui para a presente pesquisa uma vez que funciona como uma orientação para a análise das diferentes fontes utilizadas, considerando que cada uma apresenta formas distintas de representar a participação das educadoras na AMPEP.

A Nova História Cultural também se caracteriza pela ampliação das fontes históricas e pelo reconhecimento de que todo documento é, simultaneamente, produto e produtor de relações de poder. Le Goff (1990, p. 470) propõe a noção de documento-monumento, argumentando que

> O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Essa perspectiva é importante para a análise dos livros de posse da AMPEP, dos jornais da época e dos demais registros documentais utilizados nesta pesquisa, uma vez que nos direciona a analisar não apenas o que os documentos dizem, mas

também o que silenciam, quem os produziu e com quais intenções. Peter Burke (2017), em sua obra sobre o uso de imagens como evidência histórica, reforça a importância de ampliar o repertório de fontes do historiador, incluindo fotografias, ilustrações e registros virtuais como testemunhos legítimos do passado. Essa contribuição é relevante para esta pesquisa, considerando que parte das fontes disponíveis inclui imagens de jornais da época que revelam as diferenças de tratamento e representação entre homens e mulheres no movimento docente.

## 2.2 O Gênero como categoria de análise: tecendo as relações de poder no magistério

A discussão sobre Gênero é fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais e históricas, especialmente quando se trata de participação feminina em movimentos sociais e profissionais. A inclusão da categoria de Gênero como pilar teórico neste estudo é crucial para entender as interações entre as identidades femininas, as estruturas de poder e as práticas de resistência no contexto do magistério paraibano durante a ditadura militar. Conforme Joan Scott (1995), o gênero não é apenas uma característica biológica, mas uma categoria de análise que permite desvendar as relações de poder e as construções sociais que moldam as experiências de homens e mulheres. Scott nos mostra que “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 88), e que a análise histórica deve considerar como as concepções de masculinidade e feminilidade são produzidas e reproduzidas socialmente, influenciando as oportunidades e restrições impostas aos indivíduos. Ela enfatiza que o gênero é relacional, ou seja, que as definições de masculino e feminino são interdependentes e se constroem mutuamente. Além disso, o gênero é contextual, variando ao longo do tempo e em diferentes culturas. Ao utilizar o gênero como lente de análise, é possível ir além de apenas constatar a presença feminina e investigar como as identidades de gênero foram construídas no contexto do magistério e da AMPEP.

Guacira Lopes Louro reforça a importância de se analisar o gênero também em conjunto com outras categorias, como classe e raça, para uma compreensão mais complexa das experiências sociais. Louro (2014) destaca que a feminização do magistério, embora tenha aberto portas para a inserção feminina no mercado de trabalho, também esteve atrelada a uma desvalorização da profissão, associando-a a

atributos associados ao feminino, como cuidado e a docilidade. Essa perspectiva contribui para o entendimento sobre como as educadoras da AMPEP, mesmo em um contexto de luta e resistência, precisaram perpassar por essas construções de gênero, muitas vezes ressignificando-as em suas práticas políticas e sindicais. A autora também traz luz para a importância de se considerar que as subjetividades e as experiências vividas pelas mulheres nem sempre se encaixam nas narrativas dominantes. No caso das educadoras da AMPEP, a análise de gênero permite explorar como as expectativas sobre o papel da mulher, a feminização do magistério e as relações de poder patriarcais influenciaram suas formas de organização, suas lutas e suas conquistas. Essa perspectiva é fundamental para resgatar as vozes que foram silenciadas e visibilizar o protagonismo feminino que, muitas vezes, foi invisibilizado pela historiografia tradicional.

Ao articular a Nova História Cultural com a categoria de gênero, este estudo busca não apenas descrever os eventos, mas também interpretar os significados atribuídos pelas educadoras às suas ações, suas identidades e suas lutas. O encontro dessas abordagens teóricas permite uma compreensão mais profunda sobre as educadoras também em um período de restrições políticas, revelando como elas construíram espaços de resistência e reivindicação, mesmo diante do cenário adverso. Essas duas perspectivas teóricas possibilitam uma análise mais rica das representações sociais sobre as mulheres no magistério e das estratégias que elas desenvolveram para atuar e transformar a realidade educacional e política na Paraíba. Essas abordagens teóricas oferecem um arcabouço para analisar as representações e práticas das mulheres no movimento docente paraibano, revelando as complexas relações entre poder, cultura e gênero. No caso da AMPEP, essa reflexão é indispensável, pois a escassez de registros sobre a atuação feminina nos documentos oficiais da associação não significa que essas mulheres eram ausentes ou pouco ativas, mas que suas contribuições foram sistematicamente sub-representadas.

## 2.3 Caminhos metodológicos: as fontes e as memórias

Esta pesquisa se configura como um estudo de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, no campo da história da educação. A opção pela abordagem qualitativa se justifica pela natureza do objeto investigado: a participação feminina na AMPEP. Esse objeto demanda uma compreensão aprofundada dos

sentidos, das práticas e das representações envolvidas, e não uma quantificação estatística dos fenômenos. A pesquisa bibliográfica fundamenta este arcabouço teórico, trazendo autores e obras que dialogam com os campos da Nova História Cultural, dos estudos de gênero e da história da educação. Já a pesquisa documental constitui o eixo central da investigação empírica, uma vez que se volta para fontes primárias que registram direta ou indiretamente, a presença e atuação das educadoras na AMPEP.

O corpo documental desta pesquisa é composto por fontes de naturezas diversas, que se complementam e permitem uma compreensão mais abrangente do objeto investigado. Primeiramente, destacam-se os livros de posse da AMPEP, documentos oficiais que registram os cargos e quem os ocupou durante os biênios do recorte temporal. Os livros de posse constituem fontes privilegiadas para identificar a presença das mulheres e as formas de participação que foram exercidas. Em seguida, a pesquisa utiliza imagens de jornais da época, que constituem fontes visuais e textuais sobre o movimento docente paraibano no período analisado. Os jornais permitem observar como a imprensa representava a atuação dos educadores e, especificamente, as diferenças de tratamento e visibilidade entre homens e mulheres no movimento. Conforme Burke (2017), as imagens não são meros reflexos da realidade, mas construções que expressam valores, hierarquias e visões de mundo de quem as produziu.

A pesquisa também conta com entrevistas transcritas de algumas educadoras que atuaram na AMPEP no período investigado e cujos nomes aparecem no Livro de Posse. Essas entrevistas, realizadas em momento anterior ao âmbito de projetos de pesquisas vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), constituem fontes orais de grande relevância, pois permitem acessar memórias, percepções e sentidos que os documentos escritos não registram. A história oral, como metodologia complementar à pesquisa documental, possibilita dar voz aos sujeitos que foram silenciados ou sub representados nos registros oficiais (Alberti, 2005).

Por fim, a pesquisa utiliza uma fonte memorialística e institucional: o Livro publicado por Agamenon Vieira, ex-integrante da AMPEP, que narra sua experiência pessoal no movimento docente durante o período investigado. A obra é uma fonte importante para entender como a memória da AMPEP foi construída e quais narrativas

predominam sobre o período, permitindo identificar presenças e ausências na representação da participação feminina.

A análise das fontes será orientada pela perspectiva da Nova História Cultural, buscando identificar as representações, as práticas e os sentidos que emergem dos documentos. Trata-se de uma leitura interpretativa que articula o conteúdo das fontes com o contexto histórico, político e educacional do período, e que adota o gênero como categoria analítica que atravessa as demais dimensões. O procedimento envolve a leitura atenta e sistemática das fontes, a identificação de recorrências e silenciamento, o cruzamento entre diferentes tipos de documentos e a interpretação dos sentidos à luz do referencial teórico adotado.

# 3. CAPÍTULO 3: VOZES DA RESISTÊNCIA - EDUCADORAS E A ORGANIZAÇÃO DA AMPEP

Conforme estabelecido no Capítulo I, a história da educação paraibana no período da ditadura militar foi marcada por um cenário de repressão e, ao mesmo tempo, de efervescência política, o que influenciou na criação da AMPEP. No Capítulo II, aprofundamos as lentes teóricas da Nova História Cultural e do Gênero enquanto categoria, importantes para analisar e refletir sobre as dinâmicas de poder que moldaram a atuação das educadoras. Este Capítulo III, portanto, se propõe a dar voz a essas educadoras, tecendo memórias e experiências com o contexto histórico e o arcabouço teórico já apresentados, para compreender como se deu a participação feminina na organização da AMPEP no período de 1974 a 1985.

A partir da análise de memórias de algumas das educadoras militantes e de documentos históricos, as dinâmicas de presença e silenciamento que marcaram a atuação dessas mulheres em um período de conflitos e transformações políticas e sociais no Brasil e, especificamente, na Paraíba, serão apresentados.

## 3.1 A AMPEP em tempos de ditadura: a experiência das educadoras na organização docente

A fundação da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP), em 10 de março de 1974, ocorreu em um período de profunda repressão política imposta pela ditadura militar (1964-1985), conforme detalhado no capítulo I. Em meio a esse ambiente adverso, a AMPEP surge como um espaço vital para a união da categoria docente em prol da defesa de seus direitos profissionais (Vieira, 1986; Bezerril et al., 2025).

A liderança inicial da AMPEP, exercida pelo irmão marista Pedro Augusto Porto Caminha até 1976, foi acompanhada pela mobilização ativa de figuras como Maria da Paz, em Campina Grande, que desempenhou um papel importante na filiação de profissionais da educação. As memórias dessas primeiras ativistas revelam o desafio de se organizar em meio a um regime totalitário, onde a vigilância e a repressão eram constantes.

> [...] foi marcante a presença de Maria da Paz em Campina Grande, realizando filiações de resistentes profissionais da educação do estado, em um momento político difícil à sociedade brasileira, em plena ditatura militar. (Bezerril et al, 2025, p. 31).

No início, a AMPEP, como muitas entidades de classe sob o regime autoritário, apresentava características apenas de assistencialismo (Vieira, 1986). Essa postura, em grande parte, era um reflexo das dificuldades impostas à organização e à luta por melhorias nas condições de trabalho e salários, que eram constantemente ameaçadas pela política econômica do governo militar. As educadoras que se engajaram nesse período inicial enfrentavam com frequência não somente a repressão estatal, mas também a resistência interna a uma postura mais combativa, o que as impulsionava a buscar novas formas de articulação e resistência.

Entre os anos de 1978 e 1980, com o início da transição política gradual no Brasil, surgiu uma nova concepção de docência no país (Vicentini, 2005). A AMPEP, assim como outras entidades docentes, vivenciou uma significativa transformação em suas práticas associativas. Essa efervescência política e social, que levou muitos dirigentes sindicais a se engajarem em partidos de esquerda como o Partido dos Trabalhadores (PT), foi sentida na base da categoria, onde as educadoras desempenharam um papel fundamental na demanda por uma atuação mais combativa e representativa (Vicentini, 2005; Rodrigues, 1990, p. 26). As memórias das educadoras frequentemente ressaltam o impacto da desvalorização salarial, e a expansão do sistema escolar sem a devida realização de concursos públicos precarizava ainda mais as condições de trabalho docente, gerando insatisfação generalizada, o que impulsionou a mobilização. Entre 1979 e 1980, durante o governo de Tarcísio de Miranda Burity, a pauta de 100% de reajuste salarial e as reivindicações por melhorias nas condições de trabalho resultaram na primeira greve da categoria na Paraíba. As educadoras estiveram na linha de frente dessas mobilizações, organizando assembléias, panfletagem e paralisações, muitas vezes enfrentando a desconfiança e a repressão.

No entanto, a direção da AMPEP na época, ainda presa à lógica colaboracionista, não encontrou identificação junto à base do movimento. A negociação da saída da greve com o governo, sem considerar as determinações coletivas, gerou um grande descontentamento que resultou na destituição da direção e na ascensão de um novo grupo de educadores e educadoras, muitos deles vinculados

à nascente organização do PT. Esse movimento foi significativo para a AMPEP, pois representou uma ruptura com a lógica passada e a consolidação de uma postura combativa por parte da associação. A greve de 1979, apesar das contradições políticas internas, resultou em um aumento salarial de 80% para a categoria (Vieira, 1986). Entre os nomes que lideraram essa transição e que tiveram destaque no movimento conhecido como *NOVAMPEP*, estavam Wilson Honorato Aragão, José Edilson Amorim, Irlânio Ribeiro, João Lucena Montenegro, José Francisco de Melo Neto, Ronaldo Barbosa, Teresa Madeira, Francisco Lopes da Silva e Maria das Dores Limeira. A presença de mulheres nesta lista já sinaliza uma mudança, ainda que iniciante, na representatividade (Vieira, 1986).

**Imagem:** Jornal do Professor, primeiro impresso criado em 1979 para informar e se contrapor aos então encaminhamentos da então Direção da AMPEP



CEDEPE AMPEP JOÃO PESSOA-PB

JORNAL DO PROFESSOR

ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DO CEDEPE/AMPEP João Pessoa Ano 1 Nº 1 JULHO/79 Preço: Cr$ 10,00

O PORQUÊ DO JORNAL...

Na última Assembléia realizada na AMPEP (20 de maio) decidiu se por uma trégua no movimento paredista e pela criação do Centro de Estudos e Debates de Problemas Educacionais (CEDEPE). Este teria, entre outras funções, divulgar e organizar o movimento tendo em vista a rediscutir a questão salarial em setembro. Nestes quarentadiastranscorridos da última Assembléia, muitos fatos ocorreram e muita água suja rolou confundindo a opinião pública e o próprio professorado quanto a continuidade do movimento.

Temos exemplos: O governo vem tentando, passar gato por lebre ao magistério utilizando-se do famoso "abono" (ver artigo na pag 8); a diretoria da AMPEP fez declarações confusas da Assembléia-e vem promovendo no interior reuniões no sentido de boicotar o trabalho do CEDEPE, artigos

**Fonte:** Grupo de Estudos e Pesquisas Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX (2025).

Com a eleição da nova direção da AMPEP para o biênio de 1980-1982, a entidade passou a ser comandada por um grupo mais alinhado com as lutas sindicais docentes e com o contexto de abertura política do país. Essa nova direção, empossada em 06 de março de 1980, contava com a significativa presença de mulheres em cargos importantes, como Maria Margarida de A. Lima (2ª Vice-Presidente), Anita Garibaldi Machado Leite (2ª Tesoureira), Maria Betânia Nóbrega Medeiros (Conselho Fiscal) e Constância Neta da Silva (Conselho Fiscal). Essa ascensão de educadoras a posições de destaque, mesmo que não na

presidência, demonstra a força e a organização feminina na base do movimento (AMPEP, 26 de abril de 1980). A NOVAMPEP, com seu foco no “novo” sindicalismo, exerceu grande influência na luta docente ao longo dos anos 80, contribuindo para a fundação do PT em 1980 e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983. As educadoras, nesse processo, não foram simples coadjuvantes, mas protagonistas na construção dessas novas frentes de luta.

A investigação das experiências das educadoras que atuaram na Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) entre 1974 e 1985 exige, para além da análise documental empreendida nos capítulos anteriores, o recurso às narrativas de memória das próprias protagonistas. Conforme Stephanou e Bastos (2005, p. 420), “[...] a memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas”. É nesse caleidoscópio que as educadoras reconstroem suas trajetórias, atribuindo sentidos às experiências vividas no interior da associação docente.

A memória constitui, nesta pesquisa, um objeto privilegiado de análise, pois torna visível que o vivido, embora seja pessoal, constitui o coletivo e é por este constituído, numa ratificação de inserção do sujeito no social. Teixeira e Praxedes (2006, p. 162) complementam dessa compreensão ao afirmarem que “São sujeitos de reflexividade, que interpretam, que significam, ressignificam e dão sentido ao mundo, às suas vidas e às suas experiências”

As narrativas aqui analisadas resultam de entrevistas realizadas com três educadoras que tiveram intensa participação na AMPEP dentro do recorte temporal investigado: Maria do Socorro Rosas, Maria Leônia Gomes de Lima e Valquíria Alencar de Sousa. É importante ressaltar que essas mulheres, ao narrarem suas experiências, estruturam suas escolhas do que contar, deslindando lembranças do âmbito individual e coletivo, reinventando a vida nas próprias narrativas, pois como lembra Golin (2002, p. 10), o exercício de lembrança é “simultaneamente, uma dádiva e um sofrimento”. Suas narrativas não possuem começo nem fim absolutos sobre si mesmas, prendendo-se a uma rede de outras narrativas coletivas e individuais.

## 3.2 Retratos do protagonismo: perfis e trajetórias das educadoras

No auge da mobilização da AMPEP, nas décadas de 1970 e 1980, o protagonismo feminino ganhou destaque nas dimensões política e intelectual do movimento docente. Para tal análise, destacam-se as trajetórias de Maria do Socorro Rosas, Maria Leônia Gomes de Lima e Valquíria Alencar. Naturais do Sertão paraibano, essas três professoras construíram um percurso marcado pela articulação entre ensino, ação sindical e militância política, de modo que suas trajetórias se confundem com a própria história da entidade na Paraíba.

A escolha destas três educadoras partiu da própria análise das entrevistas transcritas utilizadas como fontes. Ao longo da leitura das narrativas, percebeu-se que esses três nomes apareciam com maior frequência nas falas dos entrevistados, sendo constantemente lembrados quando se tratava da atuação das mulheres na AMPEP. Essa recorrência chamou a atenção por demonstrar que suas trajetórias permaneceram presentes na memória daqueles que vivenciaram aquele período. Por esse motivo, optou-se por destacar suas experiências, buscando compreender, a partir de suas trajetórias e das memórias construídas sobre elas, diferentes formas de participação e atuação das mulheres no movimento docente paraibano.

**Imagem:** Maria do Socorro Rosas



**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2025).

Maria do Socorro Rosas é natural de Tavares (PB), nascida em 22 de janeiro de 1944. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), obteve os títulos de mestra pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1980, e de doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 1998. Professora das redes pública e privada ao longo dos anos 1970 e 1980, Rosas filiou-se à AMPEP ainda na década de 1970 e participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) na Paraíba, em 1980. Em 1985, esteve à frente da criação do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado da Paraíba (SINTEENP), tornando-se sua primeira presidente e liderando lutas centrais por melhores salários e condições de trabalho para a categoria privada.

**Imagem:** Maria Leônia Gomes de Lima



**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2025).

Já Maria Leônia Gomes de Lima, também sertaneja, nasceu em 6 de abril de 1954 no Sítio Entrada de Lagoa, então pertencente ao município de Água Branca (PB). Graduada em Psicologia, com atuação nas áreas Clínica e Escolar, Leônia integrou os quadros da Secretaria de Educação do Estado entre fins da década de 1970 e início dos anos 1980, exercendo a docência no Grupo Escolar José Lins do Rego e, em seguida, a função de psicóloga escolar. A prática no cotidiano educacional motivou sua inserção nas lutas de classe, integrando a Associação dos Psicólogos da Paraíba e a AMPEP. O efervescente contexto associativo propiciou sua aproximação com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), criada em 1983, e com o PT, agremiação à

qual se filiou em 1985. Sua militância ganhou corpo nas mobilizações de rua, como o movimento pelas Diretas Já e os debates da Assembleia Nacional Constituinte. Até hoje, Leônia mantém-se presente e atuante na cena política e sindical, ocupando posições de destaque no PT, no SINTEP e na Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

**Imagem:** Valquíria Alencar de Sousa



**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2025).

Valquíria Alencar de Sousa nasceu em São João do Rio do Peixe, no Sertão paraibano, em 24 de março de 1949, tendo se mudado para Pombal (PB) ainda na primeira infância. Com formação em Letras, era servidora da Secretaria de Educação do Estado quando, em 1979, ingressou na AMPEP a convite do militante Edilson Amorim, em um momento crucial de transição da entidade. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, Valquíria tornou-se uma voz ativa na formação política e na articulação da categoria docente. Na AMPEP, assumiu a Diretoria de Assuntos Culturais durante a gestão 1984-1986 e a 1ª Secretaria no biênio 1988-1990. No mesmo período, somou esforços à construção do Partido dos Trabalhadores (PT) no cenário paraibano. Sua atuação destacou-se também no campo do sindicalismo feminino e do movimento de mulheres. Em 1985, participou da fundação da Secretaria Sindical de Mulheres no

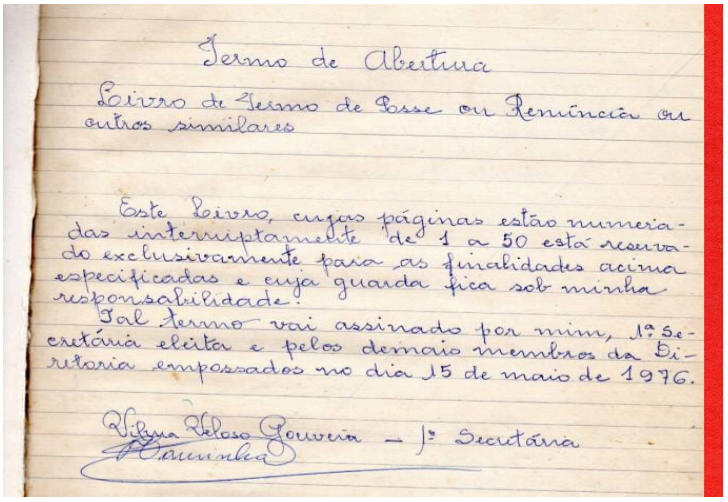
âmbito da CUT e, em 1990, esteve entre as fundadoras do Centro da Mulher 8 de Março, um marco como a primeira ONG feminista da Paraíba. Atualmente, prossegue em sua trajetória de engajamento social na presidência do Centro de Apoio à Criança e ao Adolescente (CENDAC), entidade voltada à formação profissional e emancipação de jovens e mulheres em todo o território paraibano (Santos, 2025).

### 3.3 A presença feminina nos espaços de direção da AMPEP: uma leitura dos Livros de Posse

Os Livros de Posse da AMPEP são fontes fundamentais para compreender como era a participação das educadoras ao longo do período investigado. Diferente de uma leitura que considera apenas a identificação nominal dos integrantes das diretorias, a documentação permite perceber as formas como as relações de gênero também se manifestavam dentro da associação.

Por mais que o magistério fosse composto majoritariamente por mulheres, essa predominância não se estabelecia de maneira proporcional nos cargos de maior poder decisório da associação. A leitura dos registros revela que a presidência da AMPEP foi ocupada por homens durante todo o recorte temporal da pesquisa, enquanto a presença feminina era concentrada principalmente nas funções administrativas, conselhos fiscais, secretarias ou, no mais próximo do cargo de poder decisório, a vice-presidência. Esse dado evidencia uma contradição significativa: as mulheres constituíam a principal base da categoria docente e participavam constantemente das mobilizações, porém, ainda eram limitadas para alcançar os espaços máximos de representação da instituição.

**Imagem:** Fotografia do termo de abertura do primeiro Livro de Posse da AMPEP



Termo de Abertura

Livro de Termo de Posse ou Renúncia ou outros similares

Este Livro, cujas páginas estão numeradas interruptamente de 1 a 50 está reservado exclusivamente para as finalidades acima especificadas e cuja guarda fica sob minha responsabilidade.

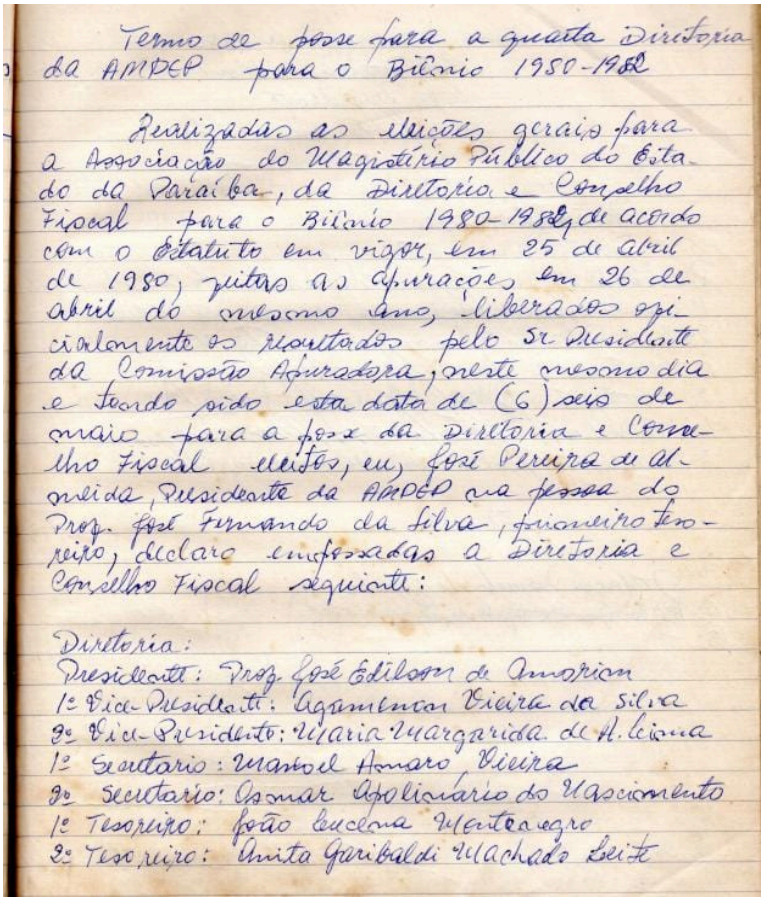
Tal Termo vai assinado por mim, 1ª Secretária eleita e pelos demais membros da Diretoria empossados no dia 15 de maio de 1976.

Vilma Veloso Gouveia – 1ª Secretária

**Fonte:** Arquivo do grupo de pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2025).

Essa estrutura não deve ser interpretada como ausência de uma liderança feminina, pelo contrário, pois demonstra que as educadoras ocupam posições fundamentais para a manutenção da associação. Sob a perspectiva de Scott (1995), essa distribuição não pode ser entendida como escolha neutra, mas como expressão das relações de poder construídas historicamente entre homens e mulheres. Ao cruzar estas informações com a literatura sobre a feminização do magistério, é percebido que essa divisão dos cargos reproduzia, de certo modo, papéis socialmente atribuídos às mulheres. Conforme argumenta Louro (2014), a associação entre o feminino e algumas características como organização, cuidado e responsabilidade contribuíram para naturalizar sua permanência em funções de apoio, enquanto os cargos de maior visibilidade política permaneciam predominantemente masculinos.

**Imagem:** Foto do termo de posse para a diretoria da AMPEP no biênio 1980-1982



Termo de posse para a quarta Diretoria da AMPEP para o Biênio 1980-1982

Realizadas as eleições gerais para a Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba, da Diretoria e Conselho Fiscal para o Biênio 1980-1982, de acordo com o Estatuto em vigor, em 25 de abril de 1980, juntas as apurações em 26 de abril do mesmo ano, liberados oficialmente os resultados pelo Sr. Presidente da Comissão Apuradora, neste mesmo dia e tendo sido esta data de (6) seis de maio para a posse da Diretoria e Conselho Fiscal eleitos, eu, José Pereira de Almeida, Presidente da AMPEP na pessoa do Prof. José Fernando da Silva, primeiro tesoureiro, declaro empossadas a Diretoria e Conselho Fiscal seguinte:

Diretoria:
Presidente: Prof. José Edilson de Amorim
1º Vice-Presidente: Agamenon Vieira da Silva
2º Vice-Presidente: Maria Margarida de A. Leite
1º Secretário: Manoel Amaro Vieira
2º Secretário: Osmar Apolinário do Nascimento
1º Tesoureiro: João Luciano Monteagro
2º Tesoureiro: Anita Garibaldi Machado Leite

**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2025).

Assim, os Livros de Posse deixam de ser apenas documentos administrativos e passam a mostrar as permanências e divergências existentes na organização da AMPEP. Ao mesmo tempo em que registram um processo gradual da ampliação da presença feminina nas diretorias, também evidenciam os limites impostos pelas relações de gênero durante a consolidação do movimento docente paraibano.

A análise documental ganha ainda mais consistência quando os Livros de Posse são confrontados com as entrevistas das educadoras e com as fotografias publicadas sobre o tema no recorte temporal. Essa articulação permite compreender que a participação feminina ultrapassava o que era formalmente registrado nos documentos oficiais. Enquanto os Livros de Posse identificam quem ocupava determinados cargos, as entrevistas revelam como essas mulheres construíram suas trajetórias políticas na associação. Já as fotografias e os jornais registram detalhes que dificilmente aparecem na documentação administrativa, como a presença

feminina nas assembléias, nas manifestações públicas, e nas atividades de mobilização da categoria.

**Imagem:** Educadoras reunidas em uma das regionais da AMPEP




**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2025).

Esse cruzamento entre diferentes tipos de fontes dialoga diretamente com a perspectiva da Nova História Cultural. Conforme Le Goff (1990), todo documento constitui também um monumento produzido em determinado contexto de relações de poder, exigindo do historiador uma leitura crítica. Assim, os registros dos Livros de Posse, as narrativas orais e as imagens não são tratadas como fontes isoladas, mas documentos que se complementam e permitem reconstruir diferentes dimensões da história. Nesse sentido, o cruzamento das fontes revela que muitas mulheres exerceram papel decisivo na sustentação cotidiana da AMPEP, ainda que nem sempre estivessem entre os dirigentes da associação. Enquanto os documentos oficiais registram nomes e cargos, as memórias revelam processos de organização coletiva, e as fotografias demonstram a participação evidente das educadoras na base do movimento docente.

**Imagem:** Educadoras nas ruas participando de uma manifestação.




**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisas Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2026).

Essa combinação documental reforça a hipótese dessa pesquisa de que a atuação das educadoras ultrapassou os limites da representação formal, compondo um elemento fundamental para a consolidação da associação durante os anos finais da ditadura militar.

### 3.4 A imagem como testemunho: representações visuais das educadoras

A análise das fontes visuais e impressas reunidas neste trabalho (o acervo iconográfico do Jornal *NOVAMPEP Informa* e alguns registros fotográficos como uma foto do I Congresso Estadual da AMPEP), constituem evidências documentais de grande valor para a história da educação e do sindicalismo paraibano. Segundo Peter Burke (2017), a imagem tem o papel de “testemunha ocular” , o que exige uma leitura crítica que considere não somente a mera ilustração, mas que a compreenda como um documento-monumento construída em um momento de disputas e efervescência política (Le Goff, 1990).

A atuação das educadoras na AMPEP mostra uma militância que foi construída no cotidiano escolar e marcada pelas urgências sociais do período. Embora a base do magistério fosse massivamente composta por mulheres (Louro, 2014), o ingresso e a permanência em espaços de representação política exigia o rompimento com a representação tradicional da docência que era entendida como mera extensão da

maternidade ou “vocação natural” (Louro, 2014). Situações como a desvalorização salarial e o arrocho promovido pelo regime militar impulsionaram essas professoras a assumir o protagonismo na organização de assembléias, confecção de boletins informativos e na linha de frente das paralisações de 1979, 1980 e 1982.

A força dessa participação é retratada em muitos documentos visuais do período. Na edição de Junho de 1981, cuja manchete questionava *“Balanço e conquistas da greve: Quem está satisfeito?”,* o registro fotográfico retrata a sede da entidade lotada por educadoras em assembléia. A imagem capta a força viva do movimento: um grupo predominantemente feminino que garantia a adesão e o funcionamento das paralisações.

**Imagem:** Fotografia do jornal NOVAMPEP Informa, edição de Junho de 1981.




**Fonte:** Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR/UFPB (2026).

Do mesmo modo, a fotografia do I Congresso Estadual da AMPEP, em outubro de 1982, mostra um ginásio lotado. Em ambas as imagens, o protagonismo da base é evidenciado: o público que preenche a quase totalidade dos espaços é predominantemente feminino. As educadoras, eternizadas nestes registros, saíram do âmbito privado para ocuparem os espaços coletivos, discutindo pautas salariais, condições de trabalho e democratização do ensino.

**Imagem:** I Congresso do Magistério Paraibano, realizado no Lyceu Paraibano, em João Pessoa, entre os dias 13, 14 e 15 de outubro de 1982.




**Fonte:** Arquivo do Grupo de Pesquisa Educação&Educadoras da Paraíba do Século XX (2026).

Contudo, ao analisar o material impresso de 1984, de título *"Professores discriminados preparam sua resposta",* a fotografia intitulada *"A Diretoria da AMPEP em audiência com o Governo",* apresenta um grupo majoritariamente masculino ao redor da mesa de negociação. O contraste entre as duas imagens exemplifica a desproporção apontada por Scott (1995): as mulheres faziam a manutenção da mobilização da base, mas a representação política visível permaneceu predominantemente ocupada por lideranças masculinas.

O contraste entre as imagens de base (preenchidas por mulheres) e as imagens das reuniões (dominadas por homens) reflete a estrutura documentada pelos Livros de Posse da AMPEP. Embora o grupo "*NOVAMPEP*" tenha dado um novo fôlego ao movimento, garantindo uma maior participação de mulheres em posições estratégicas como a 2ª Vice-Presidência (Maria Margarida de A. Lima) e Tesouraria (Anita Garibaldi Machado Leite), a Presidência da associação permaneceu sob gestão masculina ao longo de todo o recorte temporal pesquisado. As narrativas orais disponibilizadas através das fontes de entrevistas transcritas revelam que a dupla jornada de trabalho (doméstica e docente), somada às barreiras patriarcais do período impediam a ascensão das educadoras aos cargos de topo, redirecionando seu protagonismo para espaços de articulação coletiva e sustentação cotidiana do movimento docente paraibano.

**Imagem:** Fotografia do jornal NOVAMPEP Informa, edição de 1984.



PROFESSORES DISCRIMINADOS
PREPARAM SUA RESPOSTA

A Diretoria da AMPEP, em audiência com o Governo, reivindicando equiparação dos professores.

APRESENTAÇÃO

Volta a circular o nosso jornal, apesar da grande dificuldade financeira porque passa a Entidade. Temos plena consciência de que ADUFPB, ASPEP e DCE da Autônoma. Esperamos contar com a compreensão e o apoio de todos os colegas e que, em cada unidade de ensino, o jornal

**Fonte:** Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR/UFPB (2026).

## 3.5 As educadoras e o protagonismo político na AMPEP: contrapontos entre história oral e os documentos oficiais

A análise dos Livros de Posse, em encontro com os arquivos de entrevistas transcritas utilizadas neste trabalho, mostra que a história da associação foi construída por indivíduos que não viveram apenas da prática docente, mas que também assumiram e desenvolveram papel ativo no âmbito político do magistério paraibano. Entre esses indivíduos, é fundamental que se destaque o papel das educadoras, cuja presença e atuação estiveram presentes nas mobilizações, assembléias, e nos processos de fortalecimento da associação. Deste modo, compreender a trajetória da AMPEP significa reconhecer que a participação feminina não ficou apenas na docência, mas esteve diretamente ligada na construção das lutas em defesa da valorização profissional e da educação pública.

Conforme demonstrado anteriormente, as educadoras Maria do Socorro Rosas, Maria Leônia Gomes de Lima e Valquíria Alencar de Sousa exerceram papel central tanto na articulação de base quanto nas instâncias diretivas da AMPEP. Considerando o arcabouço metodológico da História do Tempo Presente, o recurso das memórias e narrativas orais, viabilizado por entrevistas, constitui um elemento fundamental deste trabalho. Contudo, ao tomar a memória como fonte, convém considerar a advertência

de Santhiago e Magalhães (2015) sobre a sua natureza seletiva. Os depoimentos estudados estão sujeitos a transformações com o passar dos anos, uma vez que a recordação é permanentemente filtrada pelas experiências, reflexões e valores do sujeito no tempo presente.

A leitura conjunta das entrevistas evidencia elementos que dificilmente seriam percebidos apenas através dos documentos oficiais da AMPEP. Por mais que cada um dos sujeitos destaque experiências particulares, seus depoimentos convergem ao mostrar que a educação política do magistério paraibano teve em sua construção a participação dessas mulheres. As trajetórias das três educadoras nos mostram diferentes formas de integração na organização política da categoria. Apesar de possuírem diferentes caminhos profissionais, todas participaram de um contexto marcado pela urgência de uma organização coletiva diante das dificuldades enfrentadas pelo magistério durante o período da ditadura militar e da redemocratização brasileira. Nesse viés, suas experiências mostram que a atuação das educadoras saíu da sala de aula e alcançou outros espaços. Maria Leônia Gomes de Lima relembra como ela ingressou na associação:

> Foi lá por 1985 que eu entrei na militância da AMPEP, onde fui muito bem acolhida, até porque também já tinha um discurso com embasamento teórico e muito comprometida politicamente na prática. Já iniciei participando de Comissão de Mulheres da AMPEP e da CUT PB [...] participando como delegada para os congressos estaduais e nacionais da nossa confederação nacional. (Gomes, 2025).

Com a diretoria renovada em 1985, muitos membros da AMPEP já participavam ativamente das lutas da CUT e do PT. Leônia relembra sua trajetória não só nas demandas gerais da categoria, mas em sua atuação específica na busca por representação feminina nos espaços da associação docente e do partido.

> Me aproximei inicialmente ao PT, em 1985, na época em que Vanderlei Caixe foi candidato a prefeito de João Pessoa e me encantei, com o seu discurso nos debates, uma vez que, se assemelhavam ao que eu já estava estudando... que eram os teóricos progressistas da educação. Além disso, eu já estava lendo também as obras de Karl Marx, Friedrich Engels e de outros... Militei na DS, ainda no tempo que Avenzoar Arruda era nossa liderança. Sempre militei no PT e hoje faço parte novamente da tendência DS, através dos grandes colegas, companheiros de luta da UFPB. Tive e tenho vida presente na luta sindical e partidária, pela CUT, o SINTEP e no Setorial Sindical do CNTE, com a companheirada da DS, no seu braço sindical da CSD. (Lima, 2025).

Socorro Rosas, por sua vez, sobre o processo de entrada na associação:

> Comecei a minha militância na ex- AMPEP e, ao mesmo tempo, com a militância política partidária, pois à época muitos professores filiaram-se ao PT e trabalharam para a sua fundação e crescimento. Eu mesmo como sindicalista na educação trabalhei muito na campanha de filiação no PT. No caso da ex – AMPEP, já havia uma forte militância feminina e acredito que éramos respeitadas nos movimentos de luta. (Rosas, 2025)

As memórias de Rosas mostram que a reorganização progressista da AMPEP e a fundação do PT eram indissociáveis. Ela relata que as mulheres eram respeitadas na entidade, espaço onde adquiriu a formação política necessária para, em meados dos anos 1980, fundar e presidir o Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado da Paraíba (SINTEENP):

> Comecei na ex-AMPEP como militante de base e sempre ativamente nas lutas. Mas foi no movimento sindical docente no setor privado que mais me destaquei, pois fui presidente do SINTEENP (Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado da Paraíba) entre os anos de 1986 a 1989. (Rosas, 2025).

Valquíria Alencar relata que sua a inserção na AMPEP aconteceu no período de transição entre as gestões anteriores e o movimento da *NOVAMPEP*, ou seja, no final de 1979:

> Comecei a ter uma militância organizada a partir do trabalho na AMPEP. Era uma militância ainda muito tímida, muito pequena. Uma participação curiosa daquilo que estava acontecendo [...] O desafio era decidir de que lado eu deveria estar e, por isso, participei inicialmente com uma certa timidez. Esse contudo foi o passo para participar posteriormente da direção do sindicato. (Sousa, 2002).

A lembrança de Valquíria daquele momento corresponde à leitura histórica de Vieira (1986) sobre o desgaste da antiga administração da AMPEP, cuja atuação assistencialista e hesitante na greve de 1979 acelerou a ruptura interna.

Outro ponto correspondente entre os depoimentos diz respeito ao papel da entidade como espaço pedagógico e de reflexão crítica. Conforme assinala Leônia, a atuação na AMPEP esteve marcada por um intenso processo de capacitação política que impulsionou seu desenvolvimento intelectual, processo este viabilizado, segundo a educadora, pela mediação das seguintes figuras, “Foram várias referências, mas destaco alguns como Avenzoar Arruda, Agamenon Vieira, Zé Neto, Valquíria Alencar,

Ronaldo Barbosa, entre muitos outros. Nomes que me ajudaram muito na formação política e sindical.” (Lima, 2025).

Valquíria também relembra desse período como sendo marcante no renascimento da formação sindical docente:

> Outra coisa que marcou todo esse período em que eu estava no sindicato foi a própria formação e organização de vários setores e trabalhadores de outras áreas. Havia alguns companheiros que trabalhavam a parte teórica, a parte da organização mesma, enquanto outros contribuíram com a parte da infra-estrutura, da divulgação, do chamamento, bem como das discussões políticas a partir de cursos promovidos pela AMPEP [...] Sempre estiveram à frente desses cursos, sobretudo os professores Zé Neto e Ronaldo Barbosa [...] a AMPEP era um caldeirão de ideias, de participação e de conflitos ideológicos. (Sousa, 2002).

Socorro Rosas relembra a contribuição de outras mulheres no seu processo de formação sindical na AMPEP nos anos 80:

> Lembro da importância de Valquíria Alencar, muito na luta da organização das mulheres sindicalizadas... Salete... Dorinha, a Dôra Limeira. Essa então, além de muito militante sindical foi uma grande escritora e contista. eu também sempre li muito sobre as histórias das lutas sindicais e sociais [...] eu ainda acompanhei muito das histórias das Ligas Camponeses e acompanhei de perto as lutas de grandes mulheres, como Margarida Maria Alves e Elisabeth Teixeira, duas grandes referências. (Rosas, 2025).

O relato de Rosas evidencia o papel pedagógico da AMPEP ao conectar a militância do magistério às lutas amplas das mulheres, fortalecendo a consciência de classe e de gênero. Essa dimensão da entidade também ganha destaque no relato de Valquíria Alencar que, ao lado de Socorro Rosas e Leônia Gomes, reafirma ter sido na AMPEP que o Partido dos Trabalhadores se desenhou como projeto político da categoria: “Debatia-se, procurando vislumbrar ações para aquele presente e ações para o futuro. Discutiu-se também a criação de um Partido dos Trabalhadores. Participei da criação desse partido aqui na Paraíba”. (Sousa, 2002).

Durante a leitura das transcrições, percebe-se que o depoimento de Leônia difere das demais narrativas ao evidenciar que a trajetória feminina no sindicato não foi isenta de barreiras de gênero. Apesar de valorizar o papel da AMPEP em sua trajetória profissional, a educadora não deixa de apontar a persistência de práticas machistas na estrutura interna da associação. Essa postura patriarcal se refletia, conforme seu relato, na restrição de acesso a determinadas funções diretivas, “[...]

porque apesar das mudanças, ainda impera o machismo, mesmo tendo na sua base a maioria mulher [...] é como se a mulher tivesse sempre que ser deixada no papel secundário" (Lima, 2025). Por meio do relato de Leônia, evidencia-se uma crítica contundente ao machismo existente na organização sindical dos professores. Ao trazer luz para o poder masculino nas instâncias diretivas da AMPEP, a militante coloca em xeque as dinâmicas institucionais que insistiam em invisibilizar o papel de liderança desempenhado pelas educadoras.

Ao refletir sobre a composição da AMPEP, Agamenon Vieira, ex-diretor da AMPEP, afirma que o magistério era majoritariamente feminino, estimando que "[...]setenta por cento do magistério era mulher (....), mas até hoje nós não tivemos uma presidente." (Vieira, 2025), e cita espontâneamente diversas figuras femininas, entre elas Valquíria Alencar, Maria do Socorro Rosas, Dora Limeira, Joana D'Arc, e Jussara. O depoimento revela um reconhecimento significativo pois, embora as mulheres constituíssem a maioria da categoria e participassem massivamente das atividades da associação, isso não significava, necessariamente, igualdade de acesso aos espaços formais de poder. Em entrevista à professora Vânia Mendes, publicada na obra *AMPEP/SINTEP: lutas por democracia e educação (1974-2024)*, o sindicalista Wilson Honorato Aragão reconhece e reforça essa perspectiva: "É importante destacar a grande participação das mulheres nesse movimento. Foi decisiva essa participação, pois a maioria da categoria é composta de mulher" (Aragão apud Bezerril et al, 2025, p. 77). Ainda na mesma entrevista, Aragão aponta uma contradição histórica inerente à criação e à organização hierárquica da instituição:

> A contradição é que nunca chegaram (educadoras) ao cargo de presidente da AMPEP/SINTEP [...] na AMPEP/SINTEP, nunca houve uma mulher na presidência. Claro que o machismo dos homens tem contribuído para essa situação [...] isso parece ser uma questão do movimento sindical geral (Aragão apud Bezerril et al, 2025, p. 77).

A permanência masculina nos cargos de maior prestígio mostra que as desigualdades de gênero se reproduziam no interior da associação, e a cada eleição, era feita a manutenção dessa concentração de poder em um único gênero. A respeito das desigualdades de gênero na AMPEP desde a sua criação, o professor fundador José Cordeiro de Oliveira (Zenito) também pondera, em entrevista veiculada na obra *AMPEP/SINTEP: lutas por democracia e educação (1974-2024)*: "O movimento sindical ainda é muito machista. É um movimento muito difícil para as mulheres. A

participação das mulheres nos sindicatos vai até onde os homens querem.” (Oliveira, apud Bezerril et al, 2025, p. 102).

Esta interpretação dialoga diretamente com Scott (1995), que nos apresenta as relações de gênero como categoria analítica fundamental para compreender a distribuição de poder na sociedade. Nessa perspectiva, a presença reduzida nos cargos diretivos da AMPEP não pode ser interpretada como ausência de um protagonismo, mas como o resultado de uma estrutura social historicamente construída para condicionar as possibilidades de participação política das mulheres.

Embora muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas oficiais, as educadoras assumiram responsabilidades na condução das mobilizações, assembléias e na participação para a construção das estratégias de reivindicação da categoria. Entretanto, as entrevistas também revelam que o protagonismo feminino coexistiam com limites impostos pelas relações de gênero.

As entrevistas analisadas permitem compreender que essas educadoras contribuíram diretamente para a formação de uma nova consciência de mobilização política e para o fortalecimento da identidade coletiva do movimento docente. As educadoras transformaram sua experiência profissional em instrumento de luta coletiva, na qual a defesa da valorização docente se articulava com a luta pela democratização da sociedade brasileira. Desse modo, fica evidente que a história da AMPEP não pode ser contada considerando apenas as ações da associação ou das decisões de suas diretorias, já que ela foi construída pela atuação cotidiana de educadoras que organizaram mobilizações, participaram das discussões políticas, fortaleceram a representação da categoria e contribuíram para consolidar o movimento docente paraibano. Trazer luz para essas trajetórias significa reconhecer que mulheres como Valquíria Alencar, Maria Leônia Gomes de Lima e Maria do Socorro Rosas desempenharam papel fundamental na construção da história da educação da Paraíba, reafirmando que a organização política do magistério foi o resultado do trabalho coletivo de educadoras que fizeram da docência um espaço de compromisso social e de luta por direitos.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar as narrativas de memória das educadoras que atuaram na Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) entre 1974 e 1985, buscando dar visibilidade às suas experiências e contribuições para o movimento docente e para a sociedade paraibana. Trata-se de um recorte temporal denso, atravessado pelos anos finais da ditadura militar, pelo processo de redemocratização e pela efervescência de um novo sindicalismo docente no Brasil. Ao longo deste trabalho, buscou-se evidenciar um sujeito histórico que é, ainda hoje, frequentemente invisibilizado pelas narrativas tradicionais: a mulher educadora em sua movimentação política militante. As análises revelaram que a AMPEP não se configurou apenas como um espaço de luta por direitos trabalhistas, mas também como um importante local de formação política e intelectual para essas mulheres. Suas trajetórias, marcadas pelo engajamento sindical e partidário, evidenciam a conexão entre as esferas pessoal e coletiva, onde as memórias individuais se entrelaçam, formando uma narrativa histórica mais ampla. O trabalho destacou ainda, a contradição inerente à participação feminina na entidade: embora majoritária na base e fundamental para o movimento, as educadoras enfrentaram barreiras de gênero que as impediam de ascender aos cargos de maior poder decisório, como a presidência da associação. Essa constatação, corroborada por dados documentais e pelas próprias narrativas, aponta para a persistência de estruturas machistas mesmo em espaços de vanguarda social.

Ao dar voz a essas educadoras, esse estudo contribui para a história da educação e do sindicalismo na Paraíba, resgatando a presença feminina em um contexto muitas vezes dominado por narrativas masculinas. As narrativas são, portanto, um convite à reflexão sobre a importância da memória como ferramenta de compreensão do passado e de construção de um futuro mais equitativo, onde as vozes das mulheres não sejam apenas ouvidas, mas plenamente reconhecidas e valorizadas.

Por fim, conclui-se que a história da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba, entre 1974 e 1985 não pode ser contada de maneira genuína sem o reconhecimento do papel central desempenhado pelas mulheres. Elas não foram simples espectadoras ou componentes de uma massa de manobra, mas articuladoras fundamentais da democratização da educação e da consolidação do movimento

docente na Paraíba. Longe de esgotar a temática, este estudo busca contribuir para os campos de História da Educação e dos Estudos de Gênero, estimulando novas pesquisas que continuem a desenterrar as memórias e a reescrever a história das lutas femininas, dando voz e lugar para aquelas que por tempos, foram silenciadas.

## REFERÊNCIAS


AGAMENON VIEIRA. Entrevista. Transcrição produzida pelo Grupo de Pesquisa Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2025.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** uma introdução à história oral. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALENCAR, Valquíria. Entrevista. Transcrição produzida pelo Grupo de Pesquisa Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2025.

AMPEP. **Livros de Posse da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (1974-1985).** João Pessoa: AMPEP, 1974.

**BRASIL.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar: resultados. Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados. Acesso em: 27 jul. 2026.

**BRASIL.** Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1971]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 27 jul. 2026.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). **Biografias e histórias da formação de mulheres educadoras.** Fortaleza: EdUECE, 2023. *E-book*. Disponível em: https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2023/11/Biografia-e-hist%C3%B3rias-da-forma%C3%A7%C3%A3o-de-mulheres-educadoras.pdf. Acesso em: 30 jul. 2026.

GOLIN, Tau**. A memória e a escrita da história.** Passo Fundo: EDIUPF, 2002.

GOMES DE LIMA, Maria Leônia. Entrevista. Transcrição produzida pelo Grupo de Pesquisa Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. Muitas pesquisas, muitas vozes. *In*: MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Educação e educadoras na Paraíba do século XX:** um balanço da produção acadêmica. Fortaleza: EdUECE, 2023. Disponível em: https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2023/10/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-educadoras-na-Para%C3%ADba-do-s%C3%A9culo-XX.pdf. Acesso em: 30 jul. 2026.

NETO, José Francisco de Melo (org.)*; et al*. **AMPEP/SINTEP - (50 anos):** lutas por democracia e educação 1974-2024. João Pessoa: Editora do CCTA, 2025.

NOGUEIRA, Maria da Conceição. **Gênero e História da Educação:** renovações e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2023.

**NOVAMPEP INFORMA**. Órgão de Divulgação da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba. João Pessoa, anos 1980-1984. Arquivo NDIHR/UFPB.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **CUT:** os militantes e a ideologia. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

ROSAS, Maria do Socorro. Entrevista. Transcrição produzida pelo Grupo de Pesquisa Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2025.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Agamenon Vieira da. **Caminhos da Construção** (Movimento sindical e organização política dos trabalhadores/as na Paraíba). Colina da Primavera Editora. João Pessoa: UNIGRAF Ltda, 1986.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Vol. III: Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia. História oral e educação: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas. *In*: VISCARDI, Cláudia M. R.; DELGADO, Lucília de A. Neves (org.)**. História oral**: teoria, educação e sociedade. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. p. 155-168.

VICENTINI, Paula Perin. **Sindicatos de professores e a reconstrução da memória docente.** São Paulo: Alameda, 2005.